

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Correio Brasileiro

CLASS. : 25p

DATA : 19 08 87

PG. : \_\_\_\_\_

CARTA DO LEITOR

Os missionários e os santuários indígenas

Brasília, 17 de agosto de 1987.  
Sr. Redator-Chefe do  
**CORREIO BRAZILIENSE**

Como leitor assíduo desse jornal, venho acompanhando com interesse as reportagens e análises da conjuntura atual, feitas através de artigos do **CORREIO BRAZILIENSE**. Observei, também, que a opinião do leitor é acolhida e divulgada.

Ultimamente dois assuntos me causaram viva indignação: na edição de 07 de agosto, a entrevista DOLARES E ANTICOMUNISMO EM AMERICA LATINA e agora, na edição de 26 de agosto, DENUNCIAS CONTRA CIMI TEM REFLEXOS NA IGREJA. Ambos têm um ponto comum: a causa do nosso indígena.

Como brasileiro pensante e amante extremado das nossas coisas, julgo-me na obrigação de manifestar a esse jornal — pulmão do povo da capital federal — minha opinião pessoal sobre o assunto, buscando acima de tudo a difusão da verdade.

Como oficial de Estado-Maior do nosso Exército, servi por três anos em Manaus, viajando a serviço, por várias vezes, por toda a fronteira e interior da área amazônica. Relacionei-me bastante com os missionários da MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL, havendo inclusive passado um mês de férias, com minha esposa e cinco filhos, em sua base em PURAQUEQUARA, duas horas de lancha de Manaus, rio abaixo. Promovi, inclusive, uma visita a PURAQUEQUARA do então Comandante Militar da Amazônia, General-de-Divisão RODRIGO OTAVIO JORDÃO RAMOS, acompanhando de oficiais de seu Estado-Maior com suas famílias.

Durante o triênio 67, 68 e 69 tive também oportunidade de conhecer e privar da amizade com os missionários do INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO, ASAS DO SOCORRO e outras missões evangélicas entre os nossos índios.

Em 1970, transferido para BRASÍLIA, atuei junto à FUNAI e MINISTERIOS como representante voluntário e não remunerado das missões protestantes junto aos nossos indígenas. Somente no final de 1974 deixei este trabalho, por motivo de minha transferência para NATAL (RN). Foram quase 5

anos de convivência diuturna com as missões e com os órgãos do governo interessados.

Dentro da vivência, acima descrita, julgo poder informar corretamente sobre algumas das principais características do trabalho das missões protestantes entre os índios, a saber:

1º. Desde que as autoridades o permitam, o missionário, sua esposa e filhos procuram viver dentro da aldeia. A presença da família é essencial para a aquisição da confiança. É normal o missionário viver ali de 15 a 20 anos, suportando todas as privações e estudando a língua e os costumes, de maneira a poder alfabetizar os índios na sua própria língua e depois na língua portuguesa. É o desafio da alfabetização bilingüe, que preserva os valores legítimos da cultura indígena e prepara a comunidade para se integrar à civilização brasileira. Esta maneira de atuar mantém o vínculo do índio com o seu "habitat", não favorecendo por isso o seu exodo para a cidade.

2º. A presença do legítimo missionário na tribo evita a espoliação dos direitos do índio, pois pode aconselhá-lo nas suas transações com os brancos, de maneira a poder vender, pelo justo valor, o fruto de seu trabalho. Alerta-o para não aceitar a bebida alcoólica como pagamento, evitando assim sua escravização ao vício. Sei de caso, ocorrido no Amazonas, em que essa posição se tornou tão incômoda ao dono de um regatão (armazém num barco), que veio a causar o incêndio misterioso da casa do missionário durante uma de suas viagens. Desde então, era providenciado um caseiro para habitar a casa nas saídas da família do missionário.

3º. A motivação do missionário é essencialmente espiritual, porém se reveste de constantes ações de ajuda material ao índio. Dá-lhe noções de higiene, aplica-lhe injeções, extrai seus dentes estragados e ensina-lhe a uso dos recursos que a civilização lhe proporciona. Há um cuidado especial para evitar o paternalismo: o índio aprende que é necessário executar pequenos serviços para obter os suprimentos de que necessita.

4º. Há uma preocupação constante do missionário em fortalecer no índio o respeito pelas autoridades. Ele é ensinado

de que faz parte da Nação brasileira e que deverá se preparar para a ela se integrar. O fortalecimento da unidade política da Nação é assim promovido. Sempre aconselhei os missionários a hastearem a Bandeira Nacional na aldeia e a ensinarem os índios a cantar o Hino Nacional, mesmo que só em parte. As missões protestantes indígenas são entidades confiáveis e têm contribuído seguramente para o fortalecimento da soberania nacional lá onde atuam.

5º. Outra preocupação do missionário é o respeito pelas lideranças indígenas locais. Dentro deste princípio já há, formadas e consolidadas, igrejas indígenas em várias tribos do País, com líderes e pastores missionários índios, pregando e lendo a Bíblia na própria língua dos silvícolas.

6º. O sustento do missionário não vem de nenhum governo estrangeiro e a missão não é órgão de nenhum serviço de informações. Pelo contrário, são as igrejas evangélicas, seus membros em particular, que se cotizam e levantam recursos para o sustento da obra. Isto é característica essencial das missões protestantes: são completamente independentes de qualquer governo e apenas a fé dá a capacidade de auto-sustentação. Que explicação deveria ser dada se daqui a pouco o governo brasileiro ou o SNI fosse acusado de manipular o número cada vez maior de missionários brasileiros protestantes, de várias denominações, que militam pelo evangelho de Cristo em outras terras, particularmente na África e na América Latina? A resposta seria que isto é um absurdo. Porque então levianamente ou por interesses escusos acusar genericamente as missões protestantes entre os índios? Por que não investigar a fundo no local e não viver, como observador, uma temporada junto com estes novos mártires do cristianismo?

7º. É comum, tanto no Brasil como no exterior, a chamada "vocação na idade adulta". Assim é que encontramos missionários que já dantes foram médicos, pilotos, dentistas, enfermeiros, engenheiros, agrônomos, professores, advogados, etc. A sede do INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO (SUMMER), por exemplo, foi construída por um missionário engenheiro e é de uma funciona-

lidade e de uma simplicidade extremas. Só quem não a visitou por dentro poderia chamá-la luxuosa. Convém ressaltar que o próprio governo da Rússia Soviética e seus intelectuais mantinham relações cordiais com o missionário WILLIAM CAMERON TOWNSEND, fundador do SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS. Durante seus 15 últimos anos de vida, ele fez cerca de 11 viagens à Rússia, envolvendo um projeto de tradução das Sagradas Escrituras para várias minorias russas, em cujas línguas não existia a Bíblia.

8º. Apreciei, no final da reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** do dia 16 de agosto de 1987, a expressão "proposta de criação de verdadeiros santuários e museus vivos nas comunidades indígenas". Ai está a chave da questão. Infelizmente minha experiência no trato com o próprio pessoal da cúpula da FUNAI mostrou-me claramente a existência dessa política perigosa de manter o índio numa redoma, na cristaleira, intocável nos seus costumes, crenças e perspectivas de vida. A reserva indígena seria como que um território de outra nação do Brasil. Que coisa mais esdrúxula! Onde ficaria a soberania nacional? Por que preservar uma minoria étnica impedindo sua natural miscigenação? Por que negar ao índio sua aculturação lenta e progressiva? Por que não possibilitar a ele o acesso ao estudo até a universidade? Por que negar-lhe o usufruto dos benefícios culturais e materiais da civilização? Por que negar-lhe o direito da fé cristã, de maneira a libertá-lo do medo dos maus espíritos? Só quem se adentrou no mundo espiritual do índio sabe que ele não é feliz no seu estado natural: é o medo e não o amor a motivação de suas crenças religiosas. Vamos deixar que isto continue assim? É claro que não.

Chego ao fim desta minha carta, Sr. redator, certo de que bati na porta certa, pois o **CORREIO BRAZILIENSE** tem se esforçado diligentemente na procura da divulgação da verdade. Tenho a absoluta certeza de estar contribuindo para essa verdade. Cordialmente, Cel. R-1 Sillas Bueno — SHIN Q1 6 Conj. 4 casa 22 71500 - Brasília - DF.